

## **Leitura Expressiva – Práticas Sociais e Usos Escolares**

Tânia Maria Ferreira Marques - Centro Universitário Cesmac

### **Introdução**

A leitura tem sido, ao longo da história da educação, alvo de estudos que buscam mostrar sua relevante contribuição para a aquisição de conhecimentos, para a efetiva compreensão textual e para o aprimoramento ou enriquecimento de noções gerais ou aprofundadas sobre determinados tópicos. Além disso, a leitura é, também, elemento libertador, se considerarmos que permite ao indivíduo ter uma visão mais ampla e crítica em relação a aspectos político-sociais quando textos relevantes e significativos lhe são apresentados.

Entretanto, para que estas transformações ocorram, é necessário que a leitura seja trabalhada de modo eficaz e que a principal instituição responsável por seu desenvolvimento, a escola, propicie ao aluno, meios para utilizá-la não só como alicerce para a aprendizagem como também para despertar nele o prazer de ler. Mas, é importante salientar que a escola sempre esteve diretamente ligada a outras instituições, como a família e a Igreja, por exemplo, e que, por isso, muitas vezes foi “obrigada” a usar determinadas estratégias ou modalidades para trabalhar a leitura de acordo com o que preconizava tais instituições ou de acordo com o que ditavam algumas políticas educacionais.

Neste artigo, discutiremos sobre como a leitura precisou se adaptar a determinadas práticas sociais ao longo da história da educação e seus usos escolares. Mais especificamente, discutiremos sobre a leitura expressiva. Os principais objetivos serão: 1) apresentar as principais características da leitura silenciosa, 2) verificar a introdução e a trajetória da leitura expressiva no contexto socioeducacional e 3) propor elementos que sugerem como a leitura expressiva pode ser trabalhada em sala de aula tendo como referencial as funções a serem exercidas pelo professor objetivando o desenvolvimento desta habilidade. Pretende-se, ao final deste trabalho, mostrar que assim como abordagens de ensino foram influenciadas pelo contexto sociocultural em que estavam inseridas, também a leitura foi influenciada por determinadas práticas sociais em determinados períodos da história da educação.

Pretende-se também mostrar que apesar de todos os estudos até então realizados no que concerne à leitura, há, ainda, muito a ser estudado e pesquisado, em benefício daqueles a quem nossos esforços se destinam.

### **1. Leitura expressiva – trajetória e práticas sociais**

A sonorização do texto é uma prática de leitura que teve início com o nascimento do alfabeto, o que a relaciona diretamente aos usos da escrita. Este modelo oral de leitura, conhecido também na França após a década de setenta como “leitura em voz alta”, sofreu influência de transformações sociais e contribuiu para embasar as concepções de leitura de modo geral.

Ao longo da história, várias funções foram atribuídas a essa sonorização, modificando conceitos, atingindo instituições como a Igreja e a família. Todo esse processo, que reúne leitura, escrita e práticas sociais, pode ter tido início antes do século IV.

Segundo Bajard (1994), até o século IV os textos eram escritos em “volumens”, rolos de papiro que dificultavam a leitura por serem de difícil manipulação. Os “volumens” traziam textos sagrados e eram geralmente escritos em latim. Eram transmitidos de forma oral devido a pouca quantidade existente na época. A Igreja escolhia o que deveria ser repassado para a maioria da população, atribuindo à leitura um caráter religioso e cabia aos ouvintes, ainda de acordo com o autor, memorizar e entender o que era escutado, o que ainda pode ser observado nos dias atuais nos catecismos. E, para reforçar o poder da Igreja, preconizava-se que não entender textos sagrados significava humildade diante dos preceitos divinos. O leitor era, na verdade, ouvinte, receptor de signos escritos que eram transformados em signos orais. Além do caráter religioso, a leitura em voz alta assumia também seu uso convivial, era a leitura para os outros. Era comum que tradições fossem oralmente transmitidas. Famílias se reuniam para ouvir a leitura de textos escritos.

No Brasil, um importante exemplo deste uso convivial pode ser observado na literatura de cordel, narrativas em verso que contam, segundo Pinheiro & Lúcio (2001), “histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo”. No final do século XIX e no início do século XX, o cordel fazia parte da vida de nordestinos que viviam no campo ou nas cidades sempre em busca

de melhores condições de vida. Violeiros e repentistas animavam festas e desafiavam outros cantadores com seus versos, que eram fortemente influenciados por ritmos afro-brasileiros, além de abordar, dentre outros aspectos, rituais sagrados e profanos. Os folhetos eram então declamados ou cantados e sua característica inicialmente oral passou, aos poucos, a ser mais amplamente divulgada por meios escritos quando escritores “nordestinos pobres e semi-alfabetizados” adentraram no mundo das tipografias, ocupando espaços anteriormente restritos a homens considerados cultos e letrados.

O termo “literatura de cordel” designava no Brasil os folhetos vendidos em feiras, semelhante ao que acontecia em Portugal, onde cordéis eram livros vendidos a preços baixos, em papel barato, pendurados em barbantes. Porém, em Portugal os cordéis eram escritos por pessoas de classe média e geralmente comprados por pessoas letradas que os liam para um público que não sabia ler ou lia com dificuldade, ou seja, os cordéis eram “digeridos” coletivamente.

Outros exemplos do uso convivial da leitura são os leitores públicos da França que liam em voz alta decretos e informações de interesse geral para aqueles que liam pouco ou mal, e os cegos, que decoravam e transmitiam textos na Espanha. Houve também na França, a tentativa de unificar linguisticamente os dialetos. A leitura em voz alta era usada com o objetivo de transmitir o que era tido como foneticamente correto, a língua “padrão”, que para alguns franceses soava como língua estrangeira. Sotaques locais deveriam ser substituídos por uma só pronúncia, chamada de “boa pronúncia”, a nacional. Como podemos constatar, esta tentativa foi em vão, dialetos e diferentes sotaques são comuns não só na França como em qualquer nação do mundo. Em 1923 a leitura em voz alta passou a ser conhecida nas Instruções Oficiais francesas como “leitura expressiva”, que avaliava o desempenho do aluno pela forma como ele lia, mostrando que compreendeu o texto e pelo uso de uma boa dicção.

A leitura expressiva era então vista como sinônimo de compreensão textual e como parâmetro para que o aluno pudesse avançar em seus estudos. Durante muito tempo, este foi o modelo de leitura aceito e utilizado nas escolas. Porém, com o advento do “códice” e com as outras formas de impressão que surgiram, a leitura expressiva foi, aos poucos, perdendo lugar para um novo modelo de leitura, a leitura silenciosa.

## **2. Leitura silenciosa – nascimento e utilização**

No século I depois de Cristo o “volumen” foi substituído pelo pergaminho que, mais tarde, no século IV, deu origem ao “códice”, a primeira forma de livro portátil (BARBOSA, 1994). O “códice” era constituído de folhas costuradas pelas bordas, facilitando seu manuseio e favorecendo a disseminação da leitura. Houve, então, uma mudança na maneira de ler, mais pessoas tiveram acesso à leitura e a leitura silenciosa começou a fazer parte deste novo contexto.

Um relato que caracteriza a leitura silenciosa pode ser observado em Agostinho (1977) referindo-se à Ambrósio como um leitor cuja voz se mantinha em silêncio e a sua língua não se movia e acrescenta que “muitas vezes quando o vínhamos visitar, encontrávamo-lo a ler assim, em silêncio, pois nunca lia em voz alta”. Tal forma de ler deveria parecer “estranha” para merecer um registro nas suas confissões. Ambrósio contrariava os costumes da época, onde predominava a leitura em voz alta. Ao contrário da leitura em voz alta, a leitura silenciosa exige maior concentração por parte dos leitores que se embrenham em seu mundo de leitura esquecendo-se de todo o resto. Já em outro relato de Agostinho (op.cit.), ele declara: “Nos anos 70, na Biblioteca Ambrosiana, em Milão, não reinava o mesmo silêncio cerimonioso que eu notara na Biblioteca Britânica, em Londres ou na Biblioteca Nacional em Paris. Os leitores na Biblioteca Ambrosiana falavam uns com os outros a partir dos seus lugares; de quando em quando alguém gritava uma pergunta ou um nome”.

Ditam do século IX as primeiras ordenações a requererem o silêncio dos escribas no scriptorium monástico. Até então, os textos que copiavam eram ditados ou lidos em voz alta. Alguns dogmáticos suspeitavam da nova tendência. Em sua opinião, a leitura em silêncio propiciava o sonhar acordado, o pecado do ócio. Há também um outro perigo: “um livro que pode ser lido em privado já não é susceptível de classificação imediata ou de leitura guiada, condenação ou censura” (MANGEL, 1998).

Inicialmente praticada pelos monges Britânicos durante os séculos IX e XI e disseminado pelas universidades no século XIII, esta modalidade de leitura mudou as concepções de leitura em vigor naquela época. Outros fatores também

contribuíram para que a leitura se disseminasse, como a expansão das áreas urbanas, o desenvolvimento do comércio e as produções intelectuais. Mesmo diante de tanta evolução em vários setores, os livros ainda eram manufaturados e restritos a poucos. Entretanto, o principal fator para a disseminação da leitura foi, sem dúvida, a invenção da imprensa por Gutemberg em 1444.

Com a invenção da imprensa houve a multiplicação dos livros e a disseminação da bíblia, o primeiro livro impresso. O acesso à leitura tornou-se ainda mais evidente e a leitura passou a ser um encontro individual com o texto, principal característica da leitura silenciosa. Todos estes aspectos contribuíram para a multiplicação das publicações destinadas ao público popular durante o século XVII, principalmente na Inglaterra, na França e na Espanha. No século XVIII, na Espanha, houve um aumento considerável no número de bibliotecas e uma conseqüente redução da prática coletiva da leitura. No final do século XVIII, a invenção da pena de metal, substituindo a pena de ganso, representou outro avanço no sentido de que a partir de agora, além de ler, as pessoas teriam também mais acesso à escrita, o que significava que leitores passariam também a produzir textos com mais facilidade.

Um novo quadro se apresentava: as pessoas liam mais, produziam mais e questionavam mais. Nas escolas, toda esta ebulição preocupava principalmente àqueles que tentavam a todo custo manter a autoridade, àqueles a quem toda esta evolução representava perigo às normas e à disciplina. Afinal, a leitura silenciosa levava à reflexão, à compreensão mais aprofundada dos textos e à tentativa de produzir algo como sinal de oposição, de protesto. A Igreja, que há muito via seu poder ser questionado, juntamente com responsáveis por escolas particulares e públicas, tentou combater a leitura silenciosa no início do século XX. Era preciso deter tanto pensamento. A palavra de ordem passou então a ser “leitura em voz alta”, como “garantia” de leitura profunda e como artifício para impedir que aprendizes questionassem seus mestres e que fiéis questionassem a Igreja.

O retorno da leitura em voz alta, ou leitura expressiva, trouxe então novas formas de se trabalhar a leitura e as escolas procuraram adaptá-la ao novo contexto, ao que a sociedade agora exigia.

### **3. Usos escolares da Leitura Expressiva**

É importante que o educador esteja monitorando seus saberes, suas competências e sua capacidade de se expressar e de lidar com a leitura expressiva para que possa aplicar esses saberes em sala de aula, pois, o valor que os alunos atribuem à leitura será baseado nas ações pedagógicas propostas pelo professor, que deve se envolver e praticar a leitura expressiva. Desta forma, quando precisar que a classe leia um texto de um determinado gênero, as dificuldades serão facilmente sanadas e soluções serão apontadas motivando seus alunos a partir do seu próprio aprendizado. O professor deve saber reconhecer a especificidade e a dificuldade dessa tarefa e propiciar a criação de instrumentos para praticá-la. É preciso instalar na escola um ambiente que a torne possível.

O professor deve aproveitar as oportunidades que a classe faz surgir e criar novas oportunidades para motivar a prática da leitura expressiva. Levar os alunos a ter confiança e bom domínio do texto. O professor pode trabalhar esse tipo de leitura preparando projetos como: recitais, saraus, dramatizações, peças teatrais, feiras de ciências, seminários, etc. Os alunos engajados em projetos de expressividade sentem-se mais motivados, trabalham a prática da oralidade, da timidez, da interação e do medo. Tais projetos podem ser adaptados à várias disciplinas, contudo, em aulas de português, instrumentos de apropriação da leitura expressiva podem ser mais facilmente trabalhados.

A leitura é uma habilidade que se desenvolve com a prática e é principalmente na escola que seu sucesso será assegurado. Geralmente a leitura só é transportada para a sala de aula com o propósito de transforma-se em objeto didático-pedagógico. O prazer de ler, para seduzir, encantar o aluno, fica esquecido. O aluno deve ser orientado para a utilização da leitura de forma espontânea. E em se tratando de leitura expressiva, não é diferente.

O educador preocupado em ajudar seus alunos no desenvolvimento de suas competências, em especial a competência na leitura expressiva, deverá mostrar que os textos pertencem a um determinado gênero e que cada gênero será expressado de uma forma diferente, o que nos permite distinguir uma notícia de um artigo de opinião, uma monografia, um conto de uma obra de teatro, de uma novela. Alguns textos narram acontecimentos, descrevem, especificam, explicam, comentam, discutem e caracterizam. Podemos afirmar então que as leituras se

configuram em diferentes maneiras e modos de se apresentar. Assim sendo, cada texto tem seu movimento, que será demonstrado no ato de ler através do valor sonoro das palavras, nas pausas, nas frases, nas pontuações, nas distribuições das palavras chaves que compõem o texto, o ritmo, os sinais gráficos, a coerência, o tom de voz, do som, aspectos fisionômicos e a interação.

Alguns textos buscam a participação ativa do leitor. Cada vez que um leitor se prepara para o ato de ler em voz alta, deverá tomar uma série de decisões em relação à situação do tipo de gênero que irá ler e para que grupo estará lendo, para poder produzi-lo e obter o máximo de eficiência na comunicação desejada. Essa competência deve ser trabalhada pelo educador. Freire (1982) nos ensina que compreender e analisar constantemente seu papel, seu lugar na cena do ensino-aprendizagem, é indispensável para o educador.

É importante salientar que ler em voz alta não significa, necessariamente, compreender um texto, ou seja, fazer uma leitura para os outros com boa desenvoltura, boa qualidade de transmissão vocal do texto não é garantia de que houve compreensão. O professor deve desenvolver atividades que levem à compreensão de texto mesmo que o aluno demonstre ter habilidade com a leitura em voz alta.

Há crianças que são introduzidas na leitura antes de entrar na escola, por isso há uma desigualdade entre as crianças que não convivem com esse mundo da leitura. Cabe a escola cuidar dessas desigualdades, oferecendo esse contato diversificado de leituras de modo que, ao longo da caminhada, elas possam traduzir oralmente textos e expressá-los de forma adequada. A literatura de cordel, como vimos anteriormente, é um bom exemplo de leitura que possibilita partilhar o prazer do texto, assim como os poemas, histórias infantis, contos, etc.

Segundo Bajard (1994), o dizer – termo utilizado para definir leitura em voz alta – é o primeiro elo de contato da criança com a leitura e a escrita. Algumas estratégias podem ser utilizadas para desenvolver a leitura expressiva em sala de aula:

- Fazer leitura prévia do texto;
- Ter uma visão posterior do que está sendo lido, percorrendo com o olhar o texto;
- Ler pausadamente, com voz clara e com nitidez;
- Dar entoação correta e variada;

- Fazer pausas de acordo com os sinais de pontuação;
- Ser cuidadoso com a inflexão final das frases;
- Ler com fluidez, sem interrupções desnecessárias;
- Transmitir as emoções ou estados de espírito das personagens;
- Entender o que está sendo lido.

Caberá ao professor trabalhar a leitura expressiva usando o dizer como transmissão de texto, trabalhando-o por vias visual e auditiva e deixando claro o objetivo de comunicação. Lembrando-se sempre que os alunos não podem ser expostos a atividades de leitura de textos desconhecidos.

## **Considerações finais**

Os aspectos aqui apresentados em relação à leitura expressiva mostram, além da trajetória percorrida por esta modalidade, que a educação sempre sofreu influências do contexto no qual estava inserida e das práticas sociais em diferentes épocas. De modo geral, podemos constatar que sendo a educação uma das áreas mais visadas pela sociedade, ela acaba por sofrer mais diretamente tais influências, conseqüentemente, o ensino acaba tentando se adaptar às mudanças exigidas.

É importante salientar que a leitura deve ser utilizada nas escolas com o objetivo de despertar no aluno/leitor o prazer de ler, é preciso estabelecer o hábito salutar da leitura, desafio a todas as pessoas que têm a responsabilidade de formar cidadãos. Independente de influências ou de imposições de políticas educacionais, este deve ser o principal objetivo dos professores.

No caso mais específico da leitura silenciosa, há momentos em sala de aula em que esta deverá ser a modalidade a ser trabalhada. Tudo dependerá dos objetivos e das atividades que o professor planejou. A leitura expressiva também deve ser utilizada de acordo com objetivos pré-estabelecidos, objetivando sempre a comunicação, dando ao aluno a oportunidade de se expressar, de expor idéias, de ser crítico e criativo. A adaptação das modalidades de leitura às necessidade da sala



de aula e dos alunos conduzirá ao melhor aproveitamento e aprimoramento da leitura de forma geral e favorecerá o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Muitos estudos podem ser feitos no sentido de apresentar sugestões de como a leitura, silenciosa ou expressiva, pode ser trabalhada em sala de aula. Ainda há muito a ser pesquisado, não só sobre atividades, dinâmicas ou projetos de leitura, como também sobre a história da leitura e os caminhos por ela percorrido ao longo da história da educação e da humanidade. São os estudos nessas áreas que contribuirão para manter a leitura em um lugar de destaque dentro do contexto sócio-educacional.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo (1977): *Confissões*. Porto: Livraria Apostolado da imprensa.
- BAJARD, Elie (1994): *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez.
- BARBOSA, José Juvêncio (1994): *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez.
- FREIRE, Paulo (1982): *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez.
- MANGEL, Alberto (1998): *Uma história da leitura*. Lisboa: Editorial Presença.
- PINHEIRO, Hélder. LÚCIO, Ana Cristina Marinho (2001): *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.